

UMA APROXIMAÇÃO À POÉTICA DE RÉGIS BONVICINO

*Jerusa Pires Ferreira**
PUC-SP

- **RESUMO:** *Este trabalho, espécie de panorama, apresenta a poesia e a construção poética de Régis Bonvicino ligadas ao experimentalismo e às vanguardas deste século. Podemos distinguir na sua obra poética as marcas de uma paisagem urbana pungente e uma vívida ironia. Recentemente, ele tem mantido um diálogo constante com o poeta norte-americano Robert Creeley.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Poesia Brasileira; Experimentalismo; Dimensão Existencial; Paisagem Urbana; Minimalismo.*
- **ABSTRACT:** *This work — a sort of panorama — presents the poetry and the poetical construction by Regis Bonvicino. First related to experimentalism and “avantgarde” this century. We can distinguish the traces of a sort of pungent urban landscape and a vivid irony. Recently he has been very close to north american poetry and the keeps a direct dialogue with the poet Robert Creeley.*
- **KEY WORDS:** *Brazilian Poetry; Experimentalism; Existencial Dimension; Urban Landscape; Minimalism.*

Não será exagero dizer que Régis Bonvincino, nascido na década de 50, é um dos melhores poetas de sua geração e dos mais aferrados à poesia no sentido profundo e transformador. Começa a escrever poesia muito cedo. Suas leituras, então: Álvares de Azevedo, o Drummond de *Lição de Coisas*, o Cabral do *Museu de Tudo*. Depois em 1972, aos dezessete anos, a descoberta de Haroldo de Campos, o encanto pelo novo e a experiência com a argúcia conceitual empreendida pelos concretos, a ligação com Haroldo. Nos anos oitenta o convívio,

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e da ECA/USP.

aliás cada vez maior, com a obra de Murilo Mendes, e desde sempre e muito cedo a presença do texto de Garcia Lorca:

“Noite
(Lorca reescrito)

Prata, neon,
farol e pisca-pisca.

A lua
sobre edifícios.

Janelas de aço
neblinam
e no começo da manhã se movimentam
travestis na esquina.

Prata, neon,
farol e pisca-pisca.

No apocalipse do dia
outdoors

observam automóveis na esquina”

Um contato intenso e sempre renovador, a amizade e correspondência com Paulo Leminski, tão bem retratada em *Uma carta uma brasa através* (Iluminuras, 1990):

“Uma carta uma brasa através é o verso inicial de um poema de Paulo Leminski, que tematiza a correspondência. O texto, publicado em *Caprichos & Relaxos*, prossegue: ‘nuvem cheia de minha chuva / cruza o deserto por mim / a montanha caminha / o mar entre os dois / uma sílaba um soluço / um sim um não um ai / sinais dizendo nós / quando não estamos mais’”,

como nos diz Régis Bonvicino na orelha deste precioso livro.

Bicho Papel, Régis Hotel, Sócia do Cópia são livros em que o poeta vai exercitando o seu dizer e ofício, a caminho de

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.7, p. 17-25, jan./jun., 1997

uma plenitude¹. Aquela que viria com a maturidade de 33 *Poemas* (Iluminuras, 1990), um livro em que “a experimentação arrojada se acompanha de grande inquietação existencial”, no dizer de Boris Schnaiderman, como nos poemas seguintes:

POEMA

(em homenagem a Laforgue)

órfão de fã, de pai, de mãe, de irmãs,
órfão, órfão, de eva, de adão,
órfão de uns, órfão de valium,
órfão de sono, de sono,
órfão do que não é meu,
órfão de galileu,
órfão,
órfão da boa educação,
órfão,
órfão de luas,
sósias, cópias, companhias,
órfão de minhas tias,
de época, boca, revoluções,
órfão de tudo,
órfão,
órfão de conteúdo,
órfão,
batam em latas, batam em latas,
órfão de sorte,
órfão,
órfão de morte,
órfão,
“c’est que, votre pardon me verse
un mélange (confus) d’impressions diverses”

DIAS EM SEGUIDA

(*estoit il lors temps de moy taire?*
François Villon)

¹ Recentemente foi lançada uma coletânea desta fase e que se chamou *Primeiro Tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.7, p. 17-25, jan./jun., 1997

vida Æ a que me convidas?
 aos becos sem saída,
 às noites mal dormidas,
 à esperança perdida,
 ao dano dos inseticidas,
 à Brasília podrida,
 à fé de n. s. aparecida,
 às idéias traídas,
 às poesias reunidas,
 às migalhas do rei midas,
 às verdades não vividas,
 aos dias em seguida?

vida Æ a que me condenas?
 à retribuição das penas,
 ao riso das hienas,
 aos banqueiros da onzena,
 ao assassino de Viena,
 à boa alma de mecenas,
 ao remorso de Madalena,
 ao socorro da sirena,
 ao torpor das cantilenas,
 à calvície de melena,
 ao destino das antenas,
 a morrer apenas?

Outros Poemas (Iluminuras, 1993) traz a marca de um novo caminho, e é muito sugestivo o título, quando o poeta parte para explorar, mais profundamente, a dimensão do existencial enquanto forma. Há também aí a captação da cidade, dos impasses da vida urbana, o ir e vir da poesia à experiência, a força da conquista diária.

OUTROS PASSOS (peça em um ato)

Não senta na poltrona. Mexe as pernas. Mexe os braços. Sons urbanos. Um bebê chora. Um carro passa. O rádio ligado em qualquer estação. Não esfrega as mãos. Descruza as pernas. Cruza as pernas. Não levanta. Abre uma porta. Fecha a porta.

Barulho estridente do telefone. Não atende o chamado. Abre a boca. Som do bebê chorando. Fecha a boca. Não estica o braço. Apanha o jornal. Lê notícias. Som de tv. Não entra na sala. Dirige-se a não. Resmunga umas palavras. Vai trocar a fralda do bebê. Gira o corpo do bebê em suas mãos. Joga fora a fralda suja. Levanta a cabeça. Limpa, com uma de suas mãos, o suor da testa. Verão quente, que esquenta as mãos sobre o carpete. Não levanta. Diz que quer ganhar um presente no dia de seu aniversário. Seu dedo indicador penetra o disco do telefone. Gira o dedo, muitas vezes. Abre a boca. Fecha a boca. Pisca. Tenta fixar os olhos na tela da tv. Respira. Abre a porta. Anda dez passos. Anda mais uns vinte passos. Abre uma porta. Outra porta. Caminha. Coça as costas. Um neon vermelho espelha-se nos vidros de um edifício. Som de um pneu cantando. Dirige-se a outro não. Estica o braço (tenso). Apanha um maço de cigarros. Abre o maço. Retira um cigarro. Não lê para ele um cardápio. Fuma um cigarro. Sons de um carro, que passa. Outro carro. Vozes. Não leva a mão à boca. Leva a mão à mesa. Intervalo de silêncio. Um alarme de automóvel dispara. Alguém diz umas palavras. Um mendigo, de roupas rotas e marrons, decora a esquina. Som contínuo e abafado do alarme. Não levanta. Leva a mão ao bolso. Puxa um cigarro. Acende o cigarro. Dá uns passos. Entre a rua e a calçada, vê Æ no céu escuro e fixo Æ nuvens pálidas. E outros passos. Não.

Poesia, profissão e vida se aproximam. Sua atividade de conviver com atos como os de julgar, de tramitar nos espaços das “justiças” e “injustiças”, sem dúvida faz inaugurar um outro modo de ser de Bonvicino. Basta ter visto o belo e pungente vídeo que acompanhou o lançamento de *Outros poemas*. Trata-se de *Tatuagens*, realizado por Cássio Maradei, roteiro de Régis, realizado no manicômio judiciário de Franco da Rocha, uma dimensão brutalista que invade o campo de uma poética.

Em muitas áreas tem exercido o poeta o seu ofício. É o caso do livro para crianças (*Num Zoológico de Letras*. Maltese, 1994), desafio e incursão muito própria e sempre com a marca do poeta em sua dimensão mais profunda, encontrando em Guto Lacaz uma parceria muito acorde. Há um lúdico, crítico e abissal

que transita de um para o outro, a construção apurada de uma espécie de linguagem fundamental:

Oinc!

O focinho, tomada
as patas, pés-de-cabra
o rabo, fio-pavio
que não acende nada

O nome, diabo, briaco
imundo, sujo e torpe
O que de pior existe
já os olhos tão tristes

tu Æ que um dia já foste Æ
o javali de Asterix

Também no campo das *artes plásticas* é interessante a presença de um vínculo que ultrapassa a contemplação mas antes nos fala de uma adesão que interfere sobre o criar do poeta. É o caso da pintura de René Magritte que vem de longe, seu procedimento de colocação em abismo, literalmente, como nos versos do poeta: “A árvore toca o céu numa beira,/ precipício”.

A aproximação com Léon Ferrari demonstra um interesse que vai do construtivo à ironia herética, tanto que Régis escreveu um belo prefácio para a *Bíblia* paródica ou “obscena” do artista argentino. Picasso, Modigliani, trazidos quando possível e *O ventilador* de Regina Silveira, expresso com destaque no mais recente livro do poeta: *Ossos de Borboleta* (34 Letras, 1996):

VENTILADOR

o ventilador de regina silveira
fixo na parede da sala
não ventila o ar
à distância parece um borrão

as hastes que compõem a grade protetora
da hélice
se parecem com uma teia de aranha
o ventilador de regina silveira não é formal
parece personagem de uma novela de franz kafka
não tem a empáfia de alguém que é útil
o ventilador de regina silveira poderia estar numa tela
de hieronymus bosch
linhas da grade contrastam carmim do fundo
absurdo no branco
o ventilador de regina silveira
estrutura uma cor gráfica
roda em si mesmo fixo a esmo
da base aos planos
retorcendo as formas a que estava preso
o ventilador de regina silveira
não atenua as temperaturas
de quem o queira

Agora, o livro *Ossos de Borboleta*, sobre o qual Marjorie Perloff escreveu um belo prefácio em que aponta o diálogo com alguns dos mais importantes poetas norte-americanos. Há a procura de um minimalismo, de percepções que passam por uma espécie de “ingenuidade” inaugural, e ainda uma condensação que reduz artifícios de palavras, e nesta busca minimal, como que uma leitura irônica da modernidade, uma sofisticação que busca o complexo no aparentemente simples.

Na sessão em que apresentamos seus poemas (quando do evento Poesia 96 — Secretaria de Cultura do Município de São Paulo), Régis me passaria umas notas em que nos diz: “poesia é um contínuo abandonar de referências” e ainda “poesia para mim consiste em palavras mas não só as palavras pois acho que elas são um alibi para pensamentos, percepções, insights, reparação do que eu criei, transformação da intenção em instrumento de precisão”.

Não poderia deixar de falar também da aproximação de Régis com o poeta americano Robert Creeley, mágica figura, na afinidade que faz buscar a compatibilidade da atuação social e

humana com um dizer que é a procura de uma inteligência que ironiza, levando à minimalidade perplexa. A tradução que faz do poeta americano situa-se como um marco da nova direção de Bonvicino.

Life

for Basil

Specific, intensive clarity
like nothing else
is anything
but itself -

so echoes all,
seen, felt, heard
or tasted, the one
and many. But

my slammed fist
on door, asking
meager, repentant entry
wants more

Robert Creeley

Vida

para Basil

Específica, intensiva claridade
como nada mais,
nada menos
que ela mesma -

tudo isso, ecoa,
visto, ouvido, sentido
ou provado, o uno
e múltiplo. Mas

o punho contra
a porta, pergunta
magro, contrita entrada
quer mais.

Tradução: Régis Bonvicino

O que se pode dizer é que nele nada é banal; o seu minimalismo de agora é uma conquista que passa pela obstinada construção, pela força inequívoca de um talento e por um paciente poeta, todo o tempo, extremamente coerente em seu ofício criador. A poesia de Régis Bonvicino é, a meu ver, a arte de buscar, numa aproximação perplexa e inquieta, a geometria — calendário — os anos, os meses, os dias. Um projeto poético existencial e experiência associativa de grande sofisticação.